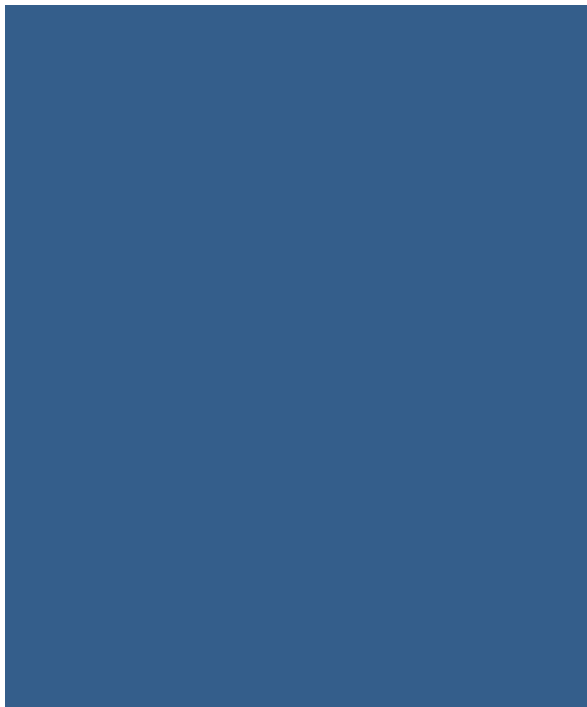


IN
COM
PLE
TA





ZÊNITE ASTRA

vila
mathusa

ilustração

CÉU ISATTO

prefácio

AMARA MOIRA



1ª reimpressão - Editora Incompleta

São Paulo, 2023

para char



Índice

PREFÁCIO POR AMARA MOIRA	9
~ AURORA E RUBI	13
~ YKA	21
~ BONECA E MONA	29
~ LUIZA E LUI	69
~ DINAH DINAMITE	87
~ RAVI E VITA	101
~ LUI OU ORFEU	109
~ VILA MATHUSA	133



Literatura que se transfaz
por AMARA MOIRA

Foi por meio da Unicamp que zênite e eu nos conhecemos e, apesar de isso ter se dado há quase dez anos, é como se estivéssemos, desde então, num constante recomeçar a nos conhecer. Digo isso porque ela, quando ainda não reivindicava o pronome feminino, não só assistiu aos momentos finais da minha tentativa de ser homem, como também testemunhou os primórdios da existência da Amara. Não bastasse isso, quando eu já tinha deixado de frequentar os corredores unicampineiros, foi a vez dela de se transfazer e surgir toda outra, inventando um novo zênite, ou melhor, uma nova zênite para chamar de sua.

Acompanhei à distância a sua transformação, com o pasmo de nunca ter me dado conta, lá atrás, de que aquela bagunça que vivi ao seu lado era algo que acabaríamos compartilhando um dia. Curioso pensar nisso, pensar no quanto é comum que as pessoas com quem convivemos antes da transição, sejam elas trans ou não, não consigam antever que um dia transicionaremos. Aliás, o oposto também é comum; expectativas e expectativas são criadas em torno de alguém e, no fim das contas, lá está a figura, bela e formosa, super confortável com a própria cisgeneridade.

Mas os assombros que provocamos uma na outra não se resumem às nossas estripulias de gênero, uma vez que ambas resolveram brincar de se fazer escritoras e se reinventar a partir do trabalho com a palavra. zênite me recordou que eu, ao

autografar seu exemplar de meu livro de estreia, *E se eu fosse puta*, recomendei-lhe que tomasse cuidado com esse meu livrinho perigoso. Mais tarde ela o descreveu como “uma leitura que me marcou demais e chacoalhou muita gente”; então qual não foi a minha surpresa ao me acabar igualmente chacoalhada por seu (e agora um pouquinho meu) *vila mathusa*, que tenho a honra de prefaciar?

Sua escrita, aparentemente simples, vai nos embalando ao longo das páginas, maravilhando-nos com percepções de grande sensibilidade, o que me faz pensar numa mistura toda peculiar de Manoel de Barros com Conceição Evaristo. Sofrimentos da existência trans, sofrimentos que a maior parte de nós conhecemos, são apresentados história a história – mas a proposta não é um desfile sem-fim de dores, e sim um desvelar da maneira como resistimos a essas violências, a maneira como vamos construindo o nosso direito de existir.

Os contos ora focam na infância, ora na vida adulta. Há personagens que acabaram de transicionar ao lado de outras que já carregam anos de história. As narrativas se entrecruzam nesse cantinho criado para recuperarmos o fôlego, para voltarmos a acreditar em nós. Senti vontade de chorar em não poucos momentos, sorri feito besta em outros tantos; e o que posso dizer é que saio fortalecida dessas páginas, com a convicção de que estamos amadurecendo, expandindo nosso raio de alcance e reafirmando o poder dessa que é uma de nossas maiores armas: a literatura.

Sua vez de ser chacoalhada pela *vila mathusa*.

Março de 2022

AURORA E RUBI



toc toc toc, alguém batendo à porta, tímido que nem um pardalzinho. rubi corre para abrir, sabendo que do outro lado vão estar aurora e seu pai, e realmente lá estão. o pai de aurora, seu thomás, é alto, barrigudo e está sempre suado. aurora, por outro lado, não é alta nem barriguda, é uma criança que nem rubi, com altura de criança. quase nunca fica suada quando apostam corrida, e quase sempre ganha. se abraçam. seu thomás entra chamando pela vó mathusa, que grita da cozinha que já vai, enquanto ele grita que já vou aí e segue para a cozinha.

aurora é prima de rubi; diferente em algumas coisas, mas praticamente igual em todo o resto. o cabelo de aurora é encaracolado e castanho-claro, diferente do de rubi, que é liso e preto. aurora é mais alta e sua pele tem a cor do pingado que a vó toma – *fraquinho, sem forças de sair da xícara* –, enquanto a pele de rubi é da cor do caramelo que a vó faz para colocar no pudim. aurora é mestre em subir em árvores e rubi prefere ficar no chão. se parecem no que importa: gostam de pintar com lápis de cor, brincar de esconde-esconde e investigar os bichos que encontram pela vila.

quer ver o meu desenho?, aurora pergunta. mal espera rubi fazer que sim e já vai abrindo a mochila de cabeça para baixo, virando tudo o que tem dentro em cima do sofá. rubi vê o desenho de duas crianças brincando em um jardim, o sol amarelo sorrindo e muitas flores em volta. é primavera, e é verdade, o sol sorri e as

flores estão dedicadas à tarefa de enfeitar a vila, para a felicidade dos moradores. depois do almoço vão poder explorar os arbustos e árvores entre as casas, caçar insetos e tomar sol. o desenho é uma homenagem digna ao dia bonito que está fazendo.

é sexta, o que quer dizer que seu thomás vai ficar para almoçar. rubi e aurora vão para a cozinha perguntar sobre a comida, ao que a vó responde com pedidos de paciência. quanto mais cedo puderem comer, rubi sabe, mais cedo poderão sair para brincar.

a vó mathusa não é tão alta. talvez já tenha sido há muito tempo, mas agora é encurvada como uma avó. rubi sabe que é assim que as pessoas crescem: primeiro são um brotinho de gente, depois vão pegando corpo e esticando as pernas, e na terceira idade vão se encurvando, que é um outro jeito de crescer, que nem um caracol. vó mathusa às vezes parece um caracol, de tão devagar, rubi pensa, mas sabe que não pode falar isso porque ofende as pessoas da terceira idade – expressão que a vó ensinou e que quer dizer velha, só que é mais elegante.

paciência, criaturinhas, a vó repete gentil, *que o almoço já tá saindo*. deve ser verdade, porque a cozinha inteira está com cheiro de lasanha. seu thomás dispõe os pratos sobre a mesa, e aurora e rubi se alternam para colocar *garfo, faca, garfo, faca, garfo, faca, garfo, faca*.

aurora e rubi fazem tudo melhor em dupla. rubi sabe que, na vida, o importante é achar pessoas para formar dupla, às vezes trio, que nem na escola. *duas cabeças pensam melhor que uma* – já tinha ouvido seu thomás dizer em telefonemas de trabalho. quando escuta isso, rubi imagina uma pessoa com duas cabeças, que deveria pensar igual a duas cabeças em duas pessoas diferentes, só que sujando menos roupa. mas aí talvez fosse cansativo ficar o tempo todo grudado, então deve ser melhor se separar e ser pessoas diferentes mesmo.

as crianças e seu thomás se sentam à mesa e a vó vem pedindo licença com o pirex que está tão quente que sai fumacinha. enquanto seu thomás e a vó mathusa começam um papo de adulto, rubi e aurora cochicham sobre coisas mais interessantes; têm muito o que fazer e precisam aproveitar: sexta-feira é o dia mais curto da semana.

almoço almoçado, louça levada para a pia, agora sim é hora de brincar. saem correndo rápido, aurora na frente e rubi logo atrás. sobem e descem a travessa da vila, se escondem nos vãos que existem entre algumas das casas e por fim sentam-se na calçada diante da casa de vita e ravi, em frente à garagem onde eles fazem seus bazares. algumas vezes ao ano, o casal decora o espaço com plantas e pôsteres e depois monta araras cheias de vestidos, camisas, lenços e colares. eles sempre deixam as crianças brincarem de experimentar as roupas, mesmo sabendo que não têm como comprar nada, porque são crianças e criança não anda com dinheiro. ravi tem muitas tatuagens legais, gosta de desafiar as crianças com charadas e de ensinar palavras malucas. vita também tem tatuagens, é muito alta e muito bonita, e mesmo sendo alta, não se importa de agachar quando vai falar com alguém.

rubi está mexendo com um graveto numas folhas que o vento empurrou até o meio-fio, quando aurora chama a sua atenção. *preciso te contar um segredo*. seu rosto está sério e rubi responde com um olhar sério de volta, *eu prometo que não vou contar pra ninguém*. dão os dedinhos para selar a promessa. *um menino imbecil me chamou de uns nomes feios hoje na escola. eu nem sabia do que ele tava falando, mas depois ele levou um sermão da dona karla e eu entendi que era xingo*. aurora soluça baixinho e se encolhe para perto de rubi, que a envolve num abraço. rubi já teve que lidar com crianças que gostam de mexer com os outros e tratar mal. quando isso acontece, geralmente não dá bola. às vezes uma outra criança aprende com o pai ou com a mãe a tratar mal quem é diferente dela, foi o que a vó

ensinou. rubi sabe que algumas crianças nascem menino, que outras nascem menina, e que outras nascem criança e só, que nem rubi. sabe também que algumas nascem menino, mas na verdade são menina, que nem aurora. a vó já tinha ensinado também que quem é ignorante não entende, e tem raiva, e que isso é problema da pessoa ignorante. rubi sabe de tudo isso, mas não sabe o que dizer. se tivesse sido com rubi, bastava lembrar que o problema é da pessoa ignorante, mas não foi com rubi, foi com aurora e ela está chateada. rubi tenta transmitir à prima a segurança das palavras da vó, para não deixar dúvidas de que o errado é o tonto do menino imbecil. aurora concorda enxugando as lágrimas e acrescenta que o menino é fedido, mas em seguida admite que não é verdade, que ela se empolgou na vingança e disse mesmo assim. se abraçam e a mágoa vai indo embora apressada. para garantir que vá mesmo e não volte, rubi decide apostar corrida com aurora, ainda que desconfie que vai perder.

na correria, rubi quase pisa em algo no chão e leva um susto. paralisa, tentando entender o que é aquilo. aurora, mais adiante, se vira para zoar rubi, que estava perdendo a corrida, e fica mostrando a língua, até que decide voltar e ver o que tanto chamou sua atenção.

ao pé de uma árvore alta de folhas escuras está um passarinho, pequenininho de tudo; uma rolinha marrom e cinza-azul, as penas bagunçadas de filhote, acuada na grama cheia de galhos. o chão é o contrário do alto, a grama é o contrário de um ninho, então alguma coisa está fora do lugar, aurora pensa. *o que a gente faz com ele? será que dá pra ajudar?*, rubi pergunta. aurora não sabe. geralmente quem se encarrega das respostas é rubi. aurora é boa de perguntar. *você acha que ele tá com medo?*

rubi responde que *é claro que ele tá com medo, olha ele todo encolhido*. aurora concorda e franze a testa para pensar melhor.

você acha que ele tá com fome?, e em seguida emenda: *o que é que passarinho come?*

rubi sabe a resposta. *a mamãe pássaro mastiga a minhoca e cospe no bico do bebê*.

diz isso e seu corpo treme todo de se imaginar mastigando uma minhoca. ao mesmo tempo, aurora torce o rosto, como se tivesse acabado de chupar um limão.

e você acha que a gente chama meu pai ou a vó?

rubi olha para aurora. pensa em seu thomás, trabalhando no computador, como costuma fazer depois do almoço, e imagina a vó mathusa tirando um cochilo com a televisão ligada. *não, a gente não vai chamar ninguém*, responde com seriedade na voz. *a gente já é grande e vai ter que resolver isso sem ajuda*.

sentam-se na grama e analisam a situação. *a vó fala que se encostar no passarinho, a mãe não vem buscar, porque sente cheiro de gente*. rubi concorda com a cabeça. *isso todo mundo sabe*. rubi só não sabe o que fazer com o problema. como duas crianças podem desobedecer a uma ordem que foi a própria mãe natureza quem deu?

a mãe pássaro não vem buscar se a gente encostar, né?

é.

mas e se a gente perfumar a mão e colocar ele no ninho rapidinho? tem problema?

a pergunta de aurora pega rubi de surpresa. é arriscado, mas pode dar certo. perto dali tem um jasmim-manga. aurora sabe que é esse o nome porque a vó ensinou, ainda que nunca tenha

visto brotar nenhuma manga de lá. a árvore enfeita o chão de florzinhas macias e deixa o ar com cheiro de branco e amarelo. seria perfeito para disfarçar o aroma de criança, tão temido pelas mães pássaras.

rubi analisa a árvore de onde o filhote parece ter caído e conclui que, se agirem em dupla, não é tão difícil de trepar. olha para cima procurando o ninho. entre os galhos despenteados, identifica os gravetos que essa pequena rolinha deve chamar de lar. agora é só pegar as flores do jasmim-manga.

rubi dá pezinho para aurora agarrar o tronco, achar um lugar firme e começar a subida. depois esfrega as mãos nas flores perfumadas e se agacha de mansinho para pegar o filhote na grama. *vai logo que o passarinho cagou em mim.* rubi resiste ao nojo e não abre a mão. *peráí, tô quase.* aurora vai subindo, se agarrando aos troncos mais próximos, evitando as abelhas gordas e pretas que voam velozes e raivosas, dessas que quando picam de manhã, dói até de noite.

aurora se equilibra em um ponto de onde pode alcançar o ninho e consegue ver a cabeça de outro filhote. pega o passarinho acidentado das mãos de rubi e o coloca gentilmente naquele cestinho de gravetos. a mãe não está. aurora pensa, aliviada, que mesmo se houver algum resquício de cheiro de gente nas penas do bebê, pelo menos a mãe não morreu de susto vendo o filho cair e uma pessoa gigante colocá-lo de volta em casa.

aurora desce sã e salva. rubi não se contém e começa a dançar uma dancinha de alegria. aurora acompanha. só não se abraçam porque as mãos estão mequentas, então vão para a casa da vó se limpar.

as crianças contam toda a aventura à vó mathusa, que escuta atenta. mais tarde, quando os quatro se reúnem na mesa do

café, o coração de rubi se alegra por ouvir as risadas que a vó dá ao comentar a história com seu thomás.

à noite, na cama, rubi relembra o resgate. imagina ninhos com paredes de gravetos reforçados, para nenhum filhote cair. pode ser que rubi sonhe que é um passarinho também. pensa em aurora; antes amuada de choro, e depois toda espichada para colocar a rolinha de volta em sua casa. pega no sono pensando em como a gente pode, num mesmo dia, encolher e esticar.

